

BIBLIOSESC NA PROMOÇÃO DE LEITORES NO MUNICÍPIO DE PARNAÍBA – PI¹

Maria da Paz Rodrigues da Rocha

Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Acadêmica do curso de Pedagogia e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Luciana Matias Cavalcante

Professora Doutora em Educação, Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal na cidade de Parnaíba - PI, com o objetivo de analisar o impacto da biblioteca itinerante do SESC na promoção de leitores, segundo a concepção dos professores. Nesse sentido, procuramos conhecer a prática de leitura aplicada pelo carro itinerante e como os professores vêem essa prática pedagógica. As informações adquiridas no estudo poderão contribuir para o resgate dos fatores que levam a promoção do gosto pela leitura, além da percepção acerca das contribuições das atividades desenvolvidas no campo não formal dentro do espaço formal. Os resultados apontam que a intervenção do BiblioSesc vem contribuindo para formação de leitores e para as práticas de alfabetização, mas que essa inserção nas atividades escolares precisa ser mais dialogada com os professores de modo a se tornar mais efetiva no aprendizado das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Biblioteca. Lúdico. Educador.

INTRODUÇÃO

A importância do ato de ler implica na percepção crítica do que foi lido, pois acreditamos que a leitura contribui na promoção da autonomia e nas práticas sociais de modo geral. Dessa forma, para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que aquilo que se lê faça sentido para quem está lendo, desde a interpretação do texto até a sua relação com o contexto.

Nesse sentido, verifica-se que o letramento presente no cotidiano das crianças ganha um entendimento e direcionamento de acordo com o meio em que vive. Por isso, os diferentes espaços sociais ao propiciar a prática da leitura o fazem de modo espontâneo, entretanto a escola é um desses espaços que articula de modo planejado e intencional as práticas de letramento, materializando concepções e métodos (MORAES, 2012).

Assim, necessitamos entender o ambiente escolar como um espaço para os educandos vivenciarem a leitura de maneira planejada, como meio de ampliarem as habilidades, os conhecimentos, a compreensão do mundo, a capacidade criadora e a aprendizagem significativa, pois se verifica que aprender a ler e escrever não representa somente ler palavras, mas entender a construção significativa dos textos proporcionada pelos diversos gêneros literários.

¹Grupo de Pesquisa Diálogos e Reflexões em Educação. Universidade Federal do Piauí - UFPI/ Campus Ministro Reis Velloso.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa visa refletir acerca da prática pedagógica desenvolvida pelo BiblioSESC e sua contribuição nos processos de alfabetização e letramento das crianças de uma escola pública de Parnaíba/PI. Caba ressaltar que buscamos focalizar a perspectiva e avaliação dos professores.

O LETRAMENTO LITERÁRIO

O aprendizado da leitura faz parte do sonho da criança quando entra na escola, embora já sabendo falar e realizando certa leitura de mundo. No seu desenvolvimento as crianças experimentam o letramento nas práticas sociais ao entrarem em contato com a língua. Portanto, concordamos com Freire quando afirma que “a leitura do mundo precede a da palavra”. Acrescenta:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (1996, p.11).

.O letramento torna-se um elemento essencial na educação quando a criança começa a rabiscar, a experimentar a escrita de seu modo. Saber ler não é só decodificar, mas é compreender o que está escrito, quer dizer que esta pessoa é alfabetizada. Durante o processo de alfabetização as práticas de letramento são essenciais, pois favorecem a contextualização do signo escrito e promovem o desenvolvimento do senso crítico e a competência leitora. Para isso, conta com a ajuda de um mediador que problematiza e estimula o seu pensar sobre o escrito.

Freire enfatiza que o papel do professor não é transferir conhecimentos aos moldes de uma educação bancária, em que o professor deposita o conhecimento no aluno, considerado tábula rasa, papel em branco, mas deve colocar-se como mediador da aprendizagem das crianças. O autor afirma: “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (1996, p.52).

Segundo Soares (2013, p.20) só recentemente passamos a conhecer esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever “é preciso saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente.”

A leitura e a escrita para Ferreiro e Teberosky (1986, p.42) é uma construção social.

A leitura e a escrita têm sido tradicionalmente consideradas como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deva ser ensinado e cuja “aprendizagem” suporia o exercício de uma série de habilidades específicas. O escrito aparece para a criança, como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais.

Para Soares o letramento se dá “como resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever.” Sendo assim, o letramento surge por motivos sociais e históricos, da introdução da escrita em uma sociedade, como resultado da aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, não basta saber ler e escrever tão somente, é preciso fazer uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. (2013, p.19). E ainda, a concepção de letramento é produzida a partir dos diferentes usos da leitura:

[...] a leitura, do ponto de vista da dimensão individual de letramento, é um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Essas categorias não se opõem, complementam-se; a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidade de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos (Ibid., p. 31).

Assim, nas atividades desenvolvidas de maneira lúdica, na literatura infantil, as crianças conseguem fazer uso das imitações de seus personagens mais queridos com o jogo de palavras que segundo Zilberman:

A literatura infantil, desde o início teve um cunho pedagógico, estando atrelada à escola e à formação de hábitos e conceitos. Embora a literatura para adultos estivesse mais voltada para questão, da apreciação estética, a infantil voltou-se desde seu início para a questão de transformação, visava passar preceitos de comportamentos, baseados no que era considerado adequado para a sociedade da época. (2003, p.21).

METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza como estudo qualitativo, especificamente como estudo de caso. Como técnicas de coleta de dados optamos pela observação participante e a entrevista estruturada. A entrevista estruturada constitui um diálogo entre pesquisador e entrevistado, guiado por um roteiro previamente elaborado.

Para a realização do estudo realizamos também pesquisa bibliográfica, fundamentada principalmente nas categorias da alfabetização, letramento e práticas educativas. Contamos com os estudos de Freire (1996); Soares (2013); Ferreiro (2001); e Teberosky (2003).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Biblioteca Intinerante do Sesc ou Bibliosesc é um projeto que circula pelas escolas públicas de Parnaíba e vem suprir o grave problema da ausência de bibliotecas nas escolas. Ao serem questionadas como funciona o projeto do carro itinerante do BiblioSesc em sua escola as professoras responderam da seguinte maneira:

Profa A - Essa parceria escola e BiblioSesc iniciou esse ano com um atendimento mensal e todas as turmas participam; a monitora faz a leitura da história, comenta, em seguida

distribui folhas e lápis de cor para ilustrarem sobre o que ouviram; ao concluir são convidado a escolher livros para ler e levar para casa;

Profa B – Projeto genial que tem como objetivo levar à leitura e conhecimento a população;

Profa C – o carro vem até a escola, dando oportunidade as crianças de terem acesso a diversos gêneros textuais;

Profa D – é uma visita mensal, onde o carro passa o dia na escola e todas as turmas ficam um determinado tempo.

Segundo as observações podemos contatar que a descrição apresentada pelas professoras é como acontece, pois o carro fica uma vez por mês em frente da instituição, conforme marcado com a escola, o dia inteiro, aguardando a visita de cada turma para promover a leitura e “contação” de histórias. O caminhão é pequeno para turmas que são numerosas, embora seja acolhedor, climatizado e possua um bom acervo de obras literárias.

Como acontece a ação? O educador monitor faz a “contação” de uma história, aguça as crianças sobre o tema da história, em seguida procura estimular a reflexão. Distribui uma folha de papel para cada criança a fim de fazer suas criações e expressar o que entenderam com a história. Logo após, todos são convidados a interagir com o mundo da leitura, com os diversos gêneros literários, até se findar o tempo previsto para cada turma, que são de 20 minutos.

Segundo Teberosky (2003, p.20) “Compartilhar a leitura de um livro com crianças da Educação Infantil, não se cria apenas como atividade prazerosa, mas também se organiza um importante momento de aprendizagem desenvolvendo o vocabulário para a compreensão de conceitos [...]”.

Nesse sentido, Gagliari (1997) identifica que na escola ensina-se a ler e escrever letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. E que na prática, ao longo da vida escolar se dá mais destaque à escrita do que à leitura.

E quando indagadas sobre o que melhorou em sala de aula com a vinda do BiblioSesc as professoras fizeram as seguintes descrições:

Profa A – Reforçou o trabalho já realizado de alfabetização e letramento. As crianças ficam encantadas com a variedade de leitura, enriquece vocabulário e sonhos;

Profa B – Foi um momento diferente, mas eu já usava esse método;

Profa C – O interesse das crianças pela leitura, a participação em situações que envolvam a necessidade de explicar e argumentar suas ideias;

Profa D – O comportamento das crianças em lidar com as revistinhas do cantinho da leitura.

Os relatos sobre as experiências de leitura na escola, com o BiblioSesc, parece significativo para os discentes, haja vista que nas palavras das professoras é citado que a variedade de gêneros literários contribui para enriquecer o vocabulário e nos sonhos; proporciona momentos de reflexão;

torna interessante o comportamento da criança. O que nos faz pensar em como se dá a relação de planejamento desse projeto com a escola envolvida. Surge a curiosidade de saber qual o gênero que é mais utilizado naquele mês pela escola e como se encontra o nível de leitura de cada criança.

Segundo as professoras é verificado que o Bibliosesc contribui com a escola na parceria de leitura e escrita, como possibilidade de construção de novos conhecimentos pelos alunos e professores. O que corrobora com o que Gadotti (1995) afirma, que o educador não deve se colocar na posição de detentor do saber, mas reconhecedor que todos têm o conhecimento da sua realidade.

Quando perguntado se o BiblioSesc tem contribuído para superar as dificuldades no processo de alfabetização e letramento? Por quê? As professoras responderam:

Profa A - Mais ou menos, a quantidade de alunos atrapalha na realização das atividades, devido ao espaço, mas eles conseguem participar direitinho;

Profa B - Sim, porque as crianças têm a oportunidade de observar e manusear materiais gráficos de gêneros variados, desenvolvendo sua capacidade de ouvir e interpretar;

Profa C - Sim. Por promover atividades diferentes; o interesse das crianças pela leitura, a participação em situações que envolvam a necessidade de explicar e argumentar suas ideias;

Profa D - Sim. Por oportunizar crianças desfavorecidas a socializar e interagir com leituras diversas.

Neste quesito as educadoras B, C e D respondem positivamente, que o Carro Itinerante colabora com o processo de letramento, como instrumento norteador das suas práticas pedagógicas, enriquecendo os processos, oportunizando o manuseio de diferentes gêneros literários, estimulando o interesse das crianças e provocando a reflexão de sua realidade. Embora a professora avalie que o número excessivo de alunos acaba prejudicando o trabalho do Bibliosesc.

Então fica claro que o carro itinerante é ambiente alfabetizador por promover um conjunto de situações de usos reais de leitura em que as crianças têm a oportunidade de participar e ao mesmo tempo propiciar situações de pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias de como se lê e se escreve. Fernandes (2008, p 134) legitima essas palavras dizendo que “a prática de trazer diversos textos para o ambiente escolar permite a ampliação do acesso ao mundo letrado e, conseqüentemente, uma reflexão sobre o processo de construção do código lingüístico”. Como enfatizaram as professoras B e D, a experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para constituição do ambiente alfabetizador.

CONCLUSÕES

As entrevistadas afirmaram que o trabalho executado pelo carro itinerante do BiblioSesc vem complementar as possibilidades de aprendizado dos discentes, pois desperta o interesse e gosto

pela leitura, por meio de vários gêneros literários encontrados dentro do carro e com a possibilidade de passar mais tempo com o livro e que, muitas vezes, o discente não tem oportunidade de fazer isso, pois na família não consegue ou não deseja investir na leitura ou ainda em espaços que favoreçam esse despertar pela leitura.

As ações do BiblioSesc, segundo os participantes do estudo, embora parecido com o trabalho que vêm realizando em sala de aula, reforça a alfabetização e letramento, pois é espaço de variedades de leituras que despertam a oralidade, a interpretação e escrita. E ainda possibilita uma nova visão e comportamento com os livros existentes em sala de aula. Embora seja verificado, segundo investigados, que a quantidade de alunos por turma e o espaço oferecido no carro não favoreça a participação efetiva dos discentes.

Isso sugere que sejam repensados o modo de organização das ações realizadas pelo projeto BiblioSesc para que os discentes fiquem cada vez mais encantados com o mundo da leitura, mas que seja propiciado espaços de acolhimento e participação integral para todos.

Esperamos que os resultados apresentados contribuam para gerar subsídios teóricos e metodológicos, voltados para as práticas de alfabetização e letramento e como referencial para quem deseja investigar a temática em questão.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, M. **Os segredos da alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 1995.
- GAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- MORAES, G. L. de. **Estágio na licenciatura em Pedagogia: projetos de leitura e escrita nos anos iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012. (Série estágios).
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2013.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.